

A edição da notícia no telejornalismo com a tecnologia digital: a redefinição da função do jornalista através das mudanças de rotinas.¹

Washington José de Souza Filho²

Resumo

A tecnologia digital tem influenciado transformações nas práticas discursivas do jornalismo, como a edição da notícia na televisão. Os aspectos relacionados com a mudança, vinculados aos jornalistas, estão relacionados com a introdução do sistema digital de edição não linear. A base do sistema é o computador como equipamento para realizar as tarefas de editar, o que permite alterar os procedimentos e permite a participação direta do jornalista no processo, diferente do padrão consolidado de divisão das tarefas, desde o surgimento como prática do jornalismo na TV, na década de 30. A avaliação está relacionada com a mudança da rotina de edição, analisada a partir do distanciamento operacional do jornalista. A análise reflete questões incluídas numa tese de doutorado sobre o tema, concluída na Universidade da Beira Interior, em Portugal, em julho de 2015.

Palavras-chave

Edição não linear; rotinas produtivas; tecnologia digital; edição no telejornalismo; polivalência profissional.

1.Introdução

A transformação estabelecida pelo sistema digital de edição não linear começou na Europa, a partir de 1996, “com redações de tamanho reduzido, como a finlandesa YLE” (Avilés, 2006a, p. 34)³. Nos Estados Unidos, a primeira redação digital de televisão foi instalada pela KHNL-TV de Honolulu (Hawaii), em 1995 (PAVLIK, 2005, p. 176), um ano antes da YLE — TV *Finland*, em inglês. As agências de notícias, desde 1993, utilizam o sistema para a distribuição da produção em vídeo, uma demonstração da capacidade “de uma tecnologia flexível, fácil de usar e acessível, capaz de mudanças a níveis distintos” (BANDRÉS et al, 2002, p. 32).

As redações de grande porte, de emissoras como a BBC e a *International Television News* (ITN), a partir de 1998, ampliaram a mudança, mas depois de uma fase de avaliação. A introdução do sistema na BBC foi iniciada em um centro regional, em Bristol, selecionado para, na época, “testar as mais recentes tecnologias” (COTTLE; AHSTON, 1999, p. 27). A

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior (UBI) - Covilhã, Portugal -, e-mail: wasfilho@ufba.br

³ Tradução do autor. No original: “con redacciones de tamaño reducido, como a finlandesa YLE”

fase de experimentação permitiu definir uma estratégia, relacionada com o processo de reconfiguração.

A tecnologia indicava o surgimento de novas alternativas no mercado para a distribuição do conteúdo, através da transmissão de notícias 24 horas e a implantação da televisão digital terrestre. A mudança foi desenvolvida em um ambiente que ainda tinha “o filme como formato padrão” (COTTLE; AHSTON, 1999, p. 28). Em países da Europa, as emissoras públicas serviram como laboratórios para a avaliação da convergência profissional, com a implantação do sistema, através dos canais especializados na transmissão de notícia 24 horas (AVILÉS, 2006b).

A alternativa utilizada na Inglaterra, através da BBC, e na Itália, pela *Radiotelevisione Italiana* (RAI), permitiu constatar a mudança de perfil dos profissionais e das suas práticas apenas nos canais especializados em notícias. As duas emissoras alteraram a forma de trabalho dos jornalistas, que deveriam participar de todo o processo da elaboração de uma notícia. Um profissional era o responsável, no caso de um assunto, pela redação, narração e edição, mas a orientação era seguida apenas nos canais 24 horas, situação diferente dos canais generalistas das duas emissoras (AVILÉS, 2006b, p. 90).

A edição através do sistema digital não linear faz parte das realidades das televisões do Brasil e de Portugal, com questões que devem ser relacionadas com a sua introdução em outras partes do mundo. O marco para a implantação do sistema foi, da mesma forma que países como a Inglaterra, a Itália e a Espanha, emissoras menores ou os canais especializados em notícias.

Em Portugal, a primeira experiência de uma redação digital ocorreu com o Canal de Notícias de Lisboa (CNL), em 1999. A experiência permitiu o surgimento, posteriormente, da SIC Notícias, estação de TV especializada em informação. A emissora usou a estrutura do extinto CNL para iniciar a operação, em 2001.

Como referência ao Brasil, o uso do sistema digital de edição foi iniciado, em 2001, nas Emissoras Pioneiras de Televisão (EPTV), formada por um grupo de estações afiliadas da Rede Globo de Televisão, nos Estados de São Paulo e Minas Gerais (CROCONO, 2001). A GloboNews, primeiro canal especializado em notícias brasileiro, começou a usar o sistema em 2004 (PATERNOSTRO, 2006).

O sistema digital não linear representa a mais significativa mudança relacionada com a edição, mais de 100 anos depois do desenvolvimento do processo no cinema (Ohanian,

1998), com o termo de montagem⁴, no início do século XX. A designação como não linear é a forma de distinguir o acesso e a edição das gravações de imagem e áudio, transformadas em arquivos digitais, com o uso do computador. A diferença mais acentuada com um sistema de tecnologia analógica, como o *videotape* que é definido como linear, é a maior velocidade para editar, ampliada porque as informações sobre a edição são armazenadas no computador. O arquivamento permite refazer e reaproveitar a edição no computador, sem qualquer perda, porque o processo é realizado de maneira virtual (FAIRSERVICE, 2001). A notícia editada através do computador é representada como um arquivo, sem uma existência física como ocorria com o filme e a fita, para ser exibida.

A participação do jornalista na edição, com a autonomia permitida pelo sistema digital de edição, torna-se mais ampla, com a manutenção da responsabilidade que, historicamente, sempre teve quanto ao conteúdo da notícia, verificada através da mudança da forma de editar (Tabela 1).

Tabela 1: Edição (procedimentos)

Período	Inovação (Procedimento)	Sistema (Suporte)
1900	Corte	Filme
Década de 20	Cola	Filme
Década de 60	Código de tempo	<i>Videotape</i>
Década de 80	Lista de edição	<i>Videotape</i>
Década de 90	Lista de Edição/Digitalização	Digital

Fonte: Browne, 2003

O desenvolvimento do sistema é comparado à transformação de “máquinas de escrever em processadores de texto” (OHANIAN, 1998, p. 3), por ter como base o computador. A edição digital não linear é definida como uma adaptação de características dos sistemas baseados no filme e na fita. O computador é utilizado para a edição, com *hardware* e *software* específicos.

O desenvolvimento do sistema de edição não linear foi iniciado na década de 70 (OHANIAN, 1998), com um equipamento considerado “híbrido de computador, [equipamento de] *videotape* e técnicas de gravações analógicas” (Ohanian, 1998, p. 29). A edição passa a caracterizar-se como digital a partir de 1988, que corresponde à terceira onda. Na metade da década de 90 consolida-se a quarta, quando “o material é todo editado no sistema, que faz a saída como produto final” (OHANIAN, 1998, p. 111). O progresso do

⁴ O termo montagem, relacionado com o de edição, tem sido marcado por distinções, quanto sua a natureza idiomática das expressões – para definir a sua função -, os meios - cinema e televisão -, os procedimentos - seleção e criação - e funções - artística e técnica.

sistema digital de edição é descrito através de uma sucessão de ondas - um total de seis (Tabela 2).

Tabela 2: Edição não linear (ondas)

Onda	Período	Sistema (Suporte)	Operação
Primeira	Década de 70	Baseado em fitas	Processo sequencial, como o <i>videotape</i> .
Segunda	Década de 80	Baseado em discos laser	Processo com acesso aleatório, diferente do sistema com fitas.
Terceira	A partir de 1988	Digital não linear	Conversão do sinal para digital – a digitalização -, com a compressão do vídeo.
Quarta	Década de 90	Digital não linear online	Operação através do sistema; do armazenamento até a saída, na forma editada.
Quinta	Fim da década de 90	Edição <i>intraframe</i>	Ferramentas que permitem a edição na menor divisão da imagem – <i>frame</i> no vídeo ou quadro no cinema.
Sexta	Século XXI	Gerenciamento e entrega digital	Tecnologias diferentes integradas a um sistema digital de gerenciamento de mídias, aplicado de forma mais ampla que a produção de TV.

Fonte: Ohanian, 1998

A introdução da edição digital em redações menores, em estações de TV surgidas a partir da década de 80, estabelece uma das características desta transformação, justificada pela mudança para a tecnologia digital: “[...] O processo de convergência não poderia ter iniciado sem a passagem do analógico para o digital” (NOCI, 2010, p. 228)⁵. Outra característica, na Europa, tem sido a aplicação dos contratos de trabalho com os profissionais, firmados pelas novas empresas do setor de televisão, que têm maior facilidade para modificar práticas já firmadas no mercado.

O reconhecimento através do acordo coletivo, em 1998, estabeleceu, no caso da Espanha, “o centro da polivalência profissional” (NOCI, 2010, p. 231) na figura do redator de ENG⁶. A referência é a um tipo de profissional, capaz de escrever sobre um fato, gravar e editar as imagens, para exibição como informação televisiva. A polivalência surgiu como uma condição necessária para a adaptação dos jornalistas às novas práticas profissionais, estabelecidas pela tecnologia digital.

A mudança dos procedimentos de edição, com o sistema digital não linear, permite outra forma de participação do jornalista. O trabalho com o computador não altera a atribuição

⁵ Tradução do autor. No original: “[...] el proceso de convergencia no hubiese podido iniciarse sin el paso de los sistemas analógicos a los digitales”

⁶ O termo ENG (*Electronic News Gathering*) designava o processo de captação do sistema de *videotape*. Na forma utilizada pelo autor está relacionada com a utilização do sistema de edição digital em procedimentos com a fita magnética como suporte, como ocorreu até a terceira onda de desenvolvimento do sistema (Ohanian, 1998). A denominação de redator é equivalente à função de editor no Brasil.

que é dada à imagem da notícia na televisão, mas redefine a forma do jornalista atuar para realizar o processo.

A edição da notícia, como referência para o telejornalismo, é um processo incorporado às rotinas de produção. As alterações no processo⁷, relacionadas com as práticas adotadas no jornalismo e pelos jornalistas, têm sido marcadas pelas transformações promovidas pela tecnologia, que permitiram a utilização de novos recursos e a mudança de procedimentos (OHANIAN, 1998; BANDRÉS et al, 2002; BROWNE, 2003; MICÓ, 2006).

A implantação do sistema de *videotape*, baseado em fitas, marca a substituição do filme como suporte, herdado do cinema, a partir dos anos 50. A mudança, porém, em relação ao telejornalismo, foi consolidada na década de 70, com o desenvolvimento do formato *U-Matic*, com a fita de ¾ de polegada (BROWNE, 2003). A fita de ¾ de polegada, do padrão denominado *U-Matic*, foi substituído na década de 80 pela de ½ polegada, do formato *Betacam* (BROWNE, 2003). Além de a fita ser menor, o padrão era caracterizado pela câmera mais leve e compacta, identificada como *camcorder*, porque tinha o compartimento de gravação de áudio e vídeo integrado à sua estrutura.

O período entre o surgimento do *videotape* e a sua consolidação como suporte utilizado pela TV, marca o aparecimento de inovações, refletidas na edição da notícia, com a mudança de procedimentos como o corte e a atuação dos profissionais. O processo de edição muda, literalmente, com recursos que dispensavam o contato físico com o material, como ocorria com o filme para a realização do corte.

No lugar da mesa de montagem, o equipamento era uma ilha de edição. Ao longo do século XX, os procedimentos de edição percorrem assim uma trajetória de mudanças, até alcançarem a fase caracterizada pelo uso do computador. Uma mudança dos procedimentos e da edição da notícia na TV relacionados com o jornalista (Tabela 3).

Tabela 3: Edição (tarefas do: jornalista)

Suporte	Procedimento	Processo (controle)	Jornalista (tarefa)
Filme	Montagem com cola; posteriormente fita adesiva.	Montador	Redação de texto, sem participação direta.
Fita	Edição eletrônica (<i>videotape</i>)	Editor de imagem	Redação de texto, intervenção indireta.
Digital	Não linear, uso do computador.	Jornalista	Redação de texto, autonomia operacional.

Fonte: elaboração própria

⁷ As mudanças relacionadas com a edição, promovidas pela tecnologia digital, têm repercussão sobre a forma discursiva da notícia, porque permitem procedimentos que interferem sobre a informação. A referência neste artigo relaciona-se com a analisar a edição como prática para definir a forma de apresentar a notícia nos telejornais, por meio do sistema digital não linear.

O controle da edição estabelece a participação do jornalista em dois níveis, sendo um deles a já destacada orientação sobre o conteúdo da informação; o segundo corresponde à operação do equipamento, uma mudança decorrente da tecnologia.

A admitida polivalência de profissionais, como ocorre no momento atual com os jornalistas, não é uma contingência exclusiva da tecnologia. A forma de organização de uma redação e a distribuição de tarefas entre os jornalistas têm relação com a cultura profissional (ESSER, 1998). A alteração verificada com o uso do sistema de edição digital, porém, representa modificações de maior relevância, pela influência que estabelece na atuação e no perfil dos jornalistas.

No ambiente digital, o editor parece voltar, mais uma vez, às origens do jornalismo, quando a pessoa que elaborou o texto da notícia fazia depois a composição na impressora, obtinha as cópias e ela mesma distribuía as informações. O jornalista, aqui, também é capaz de unificar todo o processo. (BANDRÉS et al, 2002, p. 24-25)⁸

A polivalência está relacionada com o novo ambiente, promovido pela tecnologia digital. Ela representa uma quebra do padrão histórico de edição, estabelecido pela assimilação que o jornalismo televisivo promoveu, relativamente, à prática do cinema de divisão do trabalho. O acúmulo de funções, com a realização de novas tarefas, é uma contingência das alterações relacionadas com práticas profissionais dos jornalistas.

A alteração das práticas profissionais estabelece mudanças, progressivas, na forma de atuação dos jornalistas, com a realização de tarefas de edição, em estações de televisão do Brasil (ESPERIDIÃO, 2007) e de Portugal (CANELAS, 2013). Os jornalistas dos dois países, que atuam como correspondentes ou realizam coberturas como enviados especiais são os responsáveis pela edição, da mesma forma que, em Portugal, a tarefa de editar cabe, principalmente, ao repórter de imagem nas delegações regionais da RTP (Rádio e Televisão de Portugal)⁹ e as unidades das emissoras subordinadas às redações centrais, em Lisboa e Porto.

A realidade reflete a dimensão do tema através da avaliação do seu desenvolvimento em países como o Brasil e Portugal. O sistema digital de edição não linear é, plenamente, utilizado por emissoras dos dois países, em projetos diversos, aos quais estabelecem a

⁸ Tradução do autor. No original: “En el entorno digital, el redactor parece acercarse, una vez más, a los orígenes del periodismo, cuando la misma persona que redactaba el texto de las noticias lo componía después en la imprenta, obtenía las copias y hasta distribuía luego la información. El periodista, aquí, también es capaz de unificar todo el proceso.”

⁹ A RTP congrega as emissoras de rádio e televisão da empresa, um total de 10 estações, cinco de cada meio com a participação do Governo português.

agregação deles às opções estabelecidas pelo mercado, em torno da convergência jornalística, impulsionada pela tecnologia.

A análise sobre as mudanças de rotinas da edição de notícia está relacionada com uma tese – intitulada *A transformação da tecnologia: mudanças nas rotinas de edição da notícia nos telejornais do Brasil e de Portugal* -, apresentada em julho de 2015, na Universidade da Beira Interior. A avaliação da forma de o jornalista atuar identifica um aspecto da alteração dos procedimentos do sistema digital não linear, que é a referência a uma prática da categoria marcada pelo distanciamento das atividades operacionais em uma emissora de TV, como a edição da notícia.

A análise está baseada em entrevistas realizadas com jornalistas de quatro telejornais, dois do Brasil – *Jornal Nacional*, da TV Globo e *Jornal das Dez*, da Globo News – e dois de Portugal – *Telejornal*, da RTP 1 e *Edição da Noite*, SIC Notícias – para avaliar o impacto das mudanças de rotinas, relacionadas com a introdução do sistema digital de edição¹⁰. Os telejornais representam opções de programas exibidos por emissoras de televisão de características diferentes, divididas entre as que transmitem com o sinal aberto, e fechadas, especializadas em transmitir notícias.

2. Jornalistas: distanciamento operacional

A edição é, para os jornalistas, uma prática profissional de referência limitada, pela falta de “um vocabulário específico” (SCHAEFER; MARTINEZ, 2007, p. 347), para uma análise do processo. A edição reflete a assimilação da cultura profissional, a ideia de um conjunto de saberes do que é chamado de “vocabulário de precedentes” (ERICSON et al, 1987, p. 297).

A limitação do jornalista no processo de edição da notícia é uma condição, em muitos casos, estabelecida pela dificuldade para compreender a linguagem utilizada pelo telejornalismo. A atuação do jornalista está relacionada com uma falta de aptidão para os procedimentos exigidos para a elaboração da notícia na televisão.

Os jornalistas têm manifestado, de diversas formas, em obras ficcionais e relatos sobre a profissão, a representação que fazem da edição. A competência operacional é sempre destacada, o que aparenta uma razão para o distanciamento do processo. Em uma das descrições sobre a edição (BOCCANERA, 1997) - a publicação é um livro de ficção,

¹⁰ As entrevistas, relacionadas com a tese e que servem de referências para o artigo não estão incluídas no artigo, por falta de espaço. As entrevistas – 41 no total - foram incluídas como anexo da tese em um CD-ROM, disponível em <https://ubithesis.ubi.pt/>.

escrito pelo jornalista, sob o título *Jogo duplo* -, o processo é apresentado como uma tarefa realizada a partir das indicações do jornalista, sem a necessidade da sua presença.

Registrada a narração numa fita de vídeo, Alex [personagem que tem a função de repórter, no livro *Jogo duplo*] passa as coordenadas genéricas para Cláudio [o editor de imagens], seleciona as frases de Saldanha [o entrevistado] que interessam e deixa o editor sozinho. Cláudio é competente e não precisa de alguém ao lado lhe mostrando cada imagem a ser usada. (BOCCANERA, 1997, p. 70).

A troca do jornalismo impresso pelo jornalismo televisivo ressalta a diferença entre os dois meios, uma consequência da especificidade da linguagem de cada um deles. O jornalista Peter Arnett, famoso pela cobertura de guerras em diversas partes do mundo, desde a década de 50, pôde perceber a atribuição dada para a imagem na TV, em comparação com o meio impresso, no qual começou a carreira profissional (ARNETT, 1994).

A importância da imagem no telejornalismo tem inferência na edição, o que tem reflexo nas rotinas de elaborar a notícia, refletidas com a introdução do sistema digital não linear pela mudança da forma de produzir e distribuir o conteúdo pelas emissoras de TV.

3. Jornalismo: influência sobre a rotina

O sistema digital de edição não linear tem reflexos nas rotinas de produção do jornalismo, em consequência das mudanças introduzidas no processo, com a integração das redações, através do computador. A alteração das práticas profissionais adotadas na elaboração e definição da forma da notícia influencia a edição, principalmente para atender as demandas dos canais 24 horas e a distribuição de informação pela internet.

O processo é considerado necessário para a maior agilidade, esperada para a adequação da rotina às características das plataformas de distribuição de conteúdo, incorporadas pela televisão, com a utilização da tecnologia digital. A velocidade permitida para a edição, inclusive fora da área interna de uma emissora, favorece a divulgação da informação.

[...] a tecnologia permite reduzir o tempo. O jornalista é capaz de seguir uma conferência, em qualquer lugar, diretamente de seu portátil. Antes era impensável, por causa dos altos custos dos links. No entanto, agora o link é muito mais barato e de seu computador pode estar seguindo a conferência, tomando notas e marcando o tempo. Você pode fazer um corte exatamente a partir de um ponto porque já minutado: marca o ponto

de entrada e saída e envia. Esse imediatismo é muito útil [...]. (AVILÉS, 2010, p. 218-219) ¹¹

A prática do jornalismo está marcada pela representação que faz da realidade, o que favorece o interesse pela simultaneidade, em torno de maior velocidade no processo para veicular a notícia. A tecnologia influencia os meios de comunicação, como a televisão, na adoção de práticas e procedimentos que mudam a dinâmica da atuação dos jornalistas, em função das rotinas.

A transformação, através de uma perspectiva histórica, remonta a substituição do filme pela fita, o que estabeleceu a modificação de procedimentos com a utilização do *videotape* (BANDRÉS et al, 2002). Ao contrário do filme, a utilização da fita, suporte do sistema, não precisava de revelação para a edição, o que gerou mais agilidade para exibir a notícia. O procedimento com o *videotape* representou uma mudança do processo de edição “em um período de 36 anos, com a mudança do filme de 16 mm para o vídeo digital” (SCHAEFER; MARTINEZ, 2009, p. 348).

O desenvolvimento de equipamentos com a tecnologia digital acentuou a velocidade da informação, com a utilização de satélites para a transmissão das gravações, ou ao vivo, para as televisões, de acontecimentos como a Guerra do Golfo Pérsico (MICÓ, 2007), no início da década de 90. As modificações permitidas pela tecnologia já tinham alterado procedimentos, como a edição de recursos visuais (BROWNE, 2003). A consolidação do *videotape*, baseado na utilização de uma fita e a edição através de um sistema eletrônico, eliminou a necessidade de recorrer aos laboratórios para a inclusão dos efeitos - uma alternativa cara e demorada para o jornalismo televisivo (SOUZA FILHO, 2015).

A edição de recursos gráficos, com a tecnologia digital, ganhou outra possibilidade, com a conjugação no computador (MICÓ, 2007, p. 33). Os recursos permitem a divulgação de informação sobre fatos dos quais não há imagens, com a opção da reconstituição ou simulação por meio do grafismo (CABRAL, 2012).

O grafismo é um procedimento de edição do telejornalismo desde o filme que a tecnologia digital permitiu a compatibilidade entre sistemas diferentes, utilizados nas redações (RÀFOLS; PERALTA, 2007). Os recursos gráficos desempenham diversas funções

¹¹ Tradução do autor. No original: “[...] la tecnología permite ir acortando tiempos. El periodista es capaz de seguir una comparecencia en cualquier sitio, en directo desde su portátil. Antes era impensable, por el elevado coste de los enlaces. Sin embargo, ahora el enlace resulta mucho más barato y desde su ordenador puede estar siguiendo la comparecencia, tomando notas y minutándola. Puede sacar un corte exactamente desde un punto, porque ya lo tiene minutado: marca el punto de entrada y el de salida y lo envía. Esa inmediatez resulta muy útil (...).”

relacionadas com o conteúdo e permitem “[...] apresentar e visualizar parte de um acontecimento, mesmo quando ainda faltam dados [...]” (SANCHO, 2009, p. 180)¹².

A evolução do sistema digital não linear permite a edição dos recursos gráficos através do procedimento *intraframe* – relacionada com o frame, a menor parte da imagem do vídeo, ou do quadro, no filme (OHANIAN, 1998). A edição *intraframe* estabelece uma intervenção que possibilita alterar as imagens, com acréscimos, inclusões e exclusões por meio dos efeitos.

O trabalho em uma estação de TV é uma atividade integrada, que depende de procedimentos diferentes para definir a forma da notícia para divulgar ao público, através de profissionais com competências distintas.

A participação do jornalista deve ser avaliada em torno das diferenças entre as ações, que envolve fases específicas, distinguidas uma das outras.

A notícia da televisão requer um processo técnico demorado. Entram em funcionamento vários dispositivos de captação, tratamento e armazenamento de imagens e sons. O domínio e gerenciamento dos mesmos exigem categorias de profissionais diferentes. O jornalista, em alguns casos tem que lidar com alguns, em outros da orientação do especialista para que realize de acordo com a abordagem jornalística e todo mundo tem que conhecer o poder da capacidade e alcance da sua expressão para a codificação correta das informações. (HERREROS, 2003, p. 73-74)¹³

A base da mudança é o jornalista, que atua na função designada como redator, que é considerado o “centro do sistema” (AVILÉS, 2006a, p. 48). A condição é que, para a realização deste processo, o jornalista tenha domínio sobre a linguagem utilizada pela TV e a capacitação para editar a notícia. A atuação do jornalista como o responsável direto pela edição ainda é apresentada como uma transição incompleta, que depende de “uma maior habilidade tecnológica do jornalista” (AVILÉS, 2010, p. 220).

A avaliação da mudança desta prática indica as dificuldades para a sua consolidação, em ambientes nos quais existem a diferença de aptidão entre os profissionais.

[...] embora os redatores tenham a mentalidade do jornalista multimídia, na prática não editam os vídeos e gráficos, e desconhecem as ferramentas

¹² Tradução do autor. No original: “[...] presentar o visualizar parte de lo ocurrido, aunque no se tengan demasiados datos [...]”

¹³ Tradução do autor. No original: “La información televisiva requiere un proceso técnico prolijo de elaboración. Entren en funcionamiento diversos aparatos de captación, tratamiento y almacenamiento de imágenes y sonidos. El dominio y manejo de los mismos exigen diversas categorías profesionales. El periodista en unos casos tiene que manejar algunos, en otros de la orientación de al especialista para que lo realice según su planteamiento periodístico y en todos tiene que conocer la capacidad y alcance expresivos para codificar correctamente la información.”

necessárias que utilizam os seus companheiros da seção multimídia. (BERNAL et al, 2013, p. 327)¹⁴

A mudança influenciada pela tecnologia, em consequência da transformação que promove nas rotinas produtivas do jornalismo, permite considerar, para uma avaliação, a natureza da forma de atuação e do perfil do jornalista. Uma evidência, apesar do reconhecimento das alterações, é que as modificações não fazem esquecer a representação do seu trabalho, adequadas a um novo tempo.

“[...] O redator de televisão não é necessariamente um tecnojornalista que precisa de conhecimentos especiais de eletrônica ou informática; simplesmente é um homem de seu tempo que, como usuário, trabalha com uma tecnologia que também é do seu tempo.” (BANDRÉS et al, 2002, p. 25)¹⁵

A convergência, e mais especificamente a face profissional, não é vista como a única influência para a atuação do jornalista, em um ambiente marcado pela tecnologia digital. A mudança que atinge os jornalistas deve ser entendida como uma alteração marcada por uma conjuntura, e tem fatores diferentes, não limitados ao papel desempenhado pela tecnologia: “[...] o principal agente do câmbio no jornalismo não é a tecnologia, mas os fatores humanos, sociais, humanos e econômicos” (AVILÉS, 2006a, p. 60).

O jornalista, mesmo com a disponibilidade dos recursos da tecnologia, vai sempre depender da competência para a realização da sua atividade, estabelecida através do princípio básico de que a sua tarefa é a de divulgar informação. A capacitação, porém, depende de cada profissional, o que não pode ser determinado pelo uso de um sistema ou de um equipamento, adotado para a realização de tarefas das rotinas produtivas que estão relacionadas às práticas profissionais.

4. Considerações

A avaliação das mudanças das rotinas de edição nas quatro emissoras – TV Globo, GloboNews, RTP1 e SIC Notícias – está relacionada com a introdução do sistema digital de edição linear. A análise está baseada em entrevistas realizadas com profissionais, jornalistas e editores de imagem, que atuam no processo de edição dos telejornais que constituíram o

¹⁴ Tradução do autor. No original: “[...] aunque los redactores tienen la mentalidad del periodista multimedia, en la práctica los redactores no editan los vídeos y gráficos, y desconocen las herramientas que utilizan sus compañeros de la sección multimedia.”

¹⁵ Tradução do autor. No original: “[...] el redactor de televisión no es necesariamente un tecnoperiodista que precise de conocimientos especiales de electrónica o de informática; simplemente es un hombre de su tiempo que, como usuario, maneja una tecnología que también es de su tiempo.”

corpus – *Jornal Nacional*, *Jornal das Dez*, *Telejornal* e *Edição da Noite*. A finalidade da entrevista era avaliar o processo, relacionado com três aspectos: a forma de integração, o desenvolvimento das rotinas; e as práticas de cada categoria profissional.

A avaliação permite a consideração de diversos aspectos, mas em torno das questões relacionadas com a atuação do jornalista, análise tem como referência inicial a constatação da influência da tecnologia na mudança do processo de editar a notícia nos telejornais do Brasil e de Portugal com a introdução do sistema digital não linear. A alteração estabelecida pela convergência jornalística – entendida a redação como o ambiente do seu desenvolvimento da forma assimilada nas estações de TV –, representa uma alternativa para as emissoras de adequação ao mercado.

A opção de integrar a produção do conteúdo destaca o sistema digital de edição não linear como o instrumento essencial, por ser uma ferramenta tecnológica para a distribuição multiplataforma. As mudanças refletem-se nas rotinas produtivas, com a alteração das práticas do jornalismo e dos profissionais.

O uso do sistema digital não linear para editar a notícia nos telejornais analisados no estudo empírico está consolidado nas emissoras do Brasil e de Portugal. A trajetória repete a tendência verificada em outros países, de iniciar a introdução através dos canais temáticos – como a GloboNews, no Brasil, e a SIC Notícias, em Portugal. As emissoras generalistas – exemplos da TV Globo e RTP1 – assumiram a utilização do sistema como uma contingência, uma mudança inevitável feita sem alterar a forma de o jornalista participar, diferente da SIC Notícias, na qual existe uma maior participação do jornalista na edição.

A GloboNews, ainda que tenha mantido a edição como tarefa desempenhada pelo editor de imagem, como emissora da Rede Globo, anunciou em 2015 o início do treinamento dos jornalistas para usar o sistema.

A dúvida sobre o jornalista poder ou não editar é um dos fatores posto em debate nas redações. Os editores de imagem, ainda que não exista uma formação específica para a atividade, desenvolvem a capacidade através da prática. Os mais antigos, entre os editores de imagem de Portugal, foram formados em programas desenvolvidos nas empresas. No Brasil, ainda que existam editores de imagem que realizam, inclusive, cursos na área de Comunicação, uma prática iniciada com a implantação da GloboNews, que contratou estudantes universitários para atuar em funções da área técnica, não existe uma formação específica para esses profissionais.

A formação dos jornalistas, no Brasil e em Portugal, não tem nenhuma vinculação com a tarefa de editar e a adaptação decorre dos processos de treinamento desenvolvidos nas emissoras, em geral, realizados para implantar o sistema digital não linear. A forma mais comum de aprendizagem, principalmente, entre os jornalistas de Portugal é o trabalho nas delegações regionais, mais acentuado no caso da RTP, onde precisam realizar tarefas diferentes, entre as atividades para realizar uma reportagem.

Os jornalistas e editores de imagem são categorias profissionais diferentes no Brasil e em Portugal. A inclusão dos editores de imagem na categoria de jornalistas, em Portugal, não tem merecido o reconhecimento das emissoras para realizar o processo que define a emissão da carteira, que habilita como profissional da categoria. A emissão do documento é uma atribuição de um órgão específico – a Comissão da Carteira Profissional de Jornalista. No Brasil, a diferença entre as categorias estabelece representações diferentes, o que tem reflexo para realizar atividades que interponham tarefas de uma profissão ou a da outra.

A diferença para os jornalistas brasileiros é quando estão fora do país, como correspondentes ou enviados pessoais. O acúmulo das tarefas não tem nenhuma restrição, da mesma forma que é admitida por acordo em Portugal, no exterior e nas unidades fora de Lisboa e do Porto, as duas principais cidades do País, a primeira a capital portuguesa.

Por fim, a diferença entre as categorias estabelece diferenças sobre a responsabilidade sobre a edição, considerada a distinção entre as tarefas. No Brasil e em Portugal, o jornalista é considerado o responsável pela edição, mas não tem como uma atribuição dele os eventuais erros nos procedimentos para realizar a edição e o uso da linguagem. A falta de autonomia, mesmo que pareça maior, do jornalista, porque não controla o processo de editar, é igual.

A edição da notícia ganha uma forma compatível com a tecnologia. A distinção dos níveis de edição, estabelecida pela diferença de *software*, porém, transfere para a visão da forma de editar, por meio do computador, um reconhecimento de uma divisão de tarefas através da desigualdade de recursos para jornalista e editor de imagem. O sistema digital não linear permite maior velocidade para editar, e ao modificar a forma do jornalista relacionar-se com o processo estabelece a importância que a transformação de conceitos e concepções sobre os procedimentos de uma prática discursiva representa para a prática dos jornalistas e do jornalismo.

O nível da integração das estações de TV representa a dimensão que cada uma delas promove da convergência jornalística, por meio das suas estratégias. A referência entre a convergência e a estratégia das emissoras acentua-se pelas práticas relacionadas com as

rotinas produtivas para realizar e exibir os telejornais, com a mudança da forma de atuar e do perfil do jornalista para participar da edição da notícia.

5. Referências bibliográficas

ARNETT, P. **Ao vivo do campo de batalha** – do Vietnã a Bagdá, 35 anos em zonas de combate de todo o mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

AVILÉS, J. A. **El periodismo audiovisual**. Elche, España: Universidad Miguel Hernández, (2006a).

AVILÉS, J. A. Las redacciones de los canales “todo noticias” como laboratorio periodístico: los casos de BBC News 24 y Rainews 24. *Trípodos*, n.19, p. 97, 2006b.

AVILÉS, J.A. Convergencia en noticias cuatro y CNN+: una transición incompleta”. In: GARCÍA, X.; FARIÑA, X. (Coords.). **Convergencia digital**: reconfiguración de los medios de comunicación en España. Santiago de Compostela. Universidade, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2010. p. 213 -221.

BANDRÉS, E. et al. **El periodismo en la televisión digital**. Barcelona: Paidós, 2002.

BERNAL, A. et al. Un día en la redacción digital. In: Cabrera, M.A. (Coord.). **Evolución de los cibermedios**: de la convergencia digital a la distribución multiplataforma. Madrid: Editorial Fragua, 2013. p. 321 – 330.

BOCCANERA, S. **Jogo duplo**. São Paulo: Moderna, (1997).

BROWNE, S. **Edición de vídeo**. Tradução Joaquín López. Madrid: Instituto Oficial de Radio y Televisión, RTVE, 2003.

CABRAL, A. **Realidade expandida**: narrativas do digital, edição e produção de sentidos no telejornalismo. 2012. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

CANELAS, C. F. **O binómio jornalista-editor de imagem na produção noticiosa televisiva**. 2013. Tese (Doutorado) - Universidade de Aveiro e Universidade do Porto, Aveiro e Porto, Portugal, 2013.

COTTLE, S.; ASTHON, M. From BBC newsroom to BBC Newscentre: on changing technology and journalist practices. *Convergence*, 1999, 5: 22. Recuperado em 20 de novembro de 2013 em <http://con.sagepub.com/content/5/3/22>.

CROCONO, F. (2001). **O uso da edição não-linear digital**: as novas rotinas no telejornalismo e a democratização do acesso à produção de vídeos.2001. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ERICSON, R. et al. **Visualizing deviance**: a study of news organization. Toronto: University of Toronto Press, 1987.

ESPERIDIÃO, M. A era do “kit correspondente”: tendências da cobertura internacional no telejornalismo brasileiro. In: Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

(Intercom), 30, 2007, Santos, SP. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1175-1.pdf>.

ESSER, F. Editorial structures and work principles in british and german newsrooms. *European Journal of Communication*, Vol. 13, n.3, p. 375 – 405, 1998.

FAIRSERVICE, D. **Film editing**: history, theory and practice. Manchester: Manchester University Press, 2001.

HERREROS, C. **Información televisiva**. Mediciones, contenidos, expresión y programación. Madrid: Síntesis, 2003.

MICÓ, J. L. **Teleperiodisme Digital**. Barcelona: Trípodos, 2006.

MICÓ, J.L. **Informar a la TDT** – notícies, reportages i documentals a la nova televisió. Barcelona: Trípodos, 2007.

NOCI, J. Antena 3: convergencia técnica centrada en la televisión y polivalencia redactores-cámaras. In: GARCIA, X.; FARIÑA, X. (Coords.). **Convergencia digital**: reconfiguración de los medios de comunicación en España. Santiago de Compostela. Universidade, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2010. p.223 – 231.

OHANIAN, T. **Digital non-linear editing** – editing film and videotape on the desktop (2th. ed.). Butterworth-Heinemann, MA: Focal Press, 1998.

PATERNOSTRO, V. I. (Coord.). **Globo News**: 10 anos, 24 horas no ar. São Paulo: Editora Globo, 2006.

PAVLIK, J. **El periodismo y los medios de comunicación**. Barcelona: Paidós, 2005.

RÀFOLS, R.; PERALTA, M. Noves tecnologies a la televisió: cap a una renovació del llenguatge informatiu. *Trípodos*, Extra, Abril, 2007. p. 291 – 301.

SANCHO, J. V. Clasificación del grafismo del contenido en los informativos de televisión. *Trípodos*, 25, 2009. p. 179 – 196.

SCHAEFER, R.; MARTINEZ, T. III. Trends in network news editing strategies from 1969 through 2005. Último acesso em 2 de Janeiro, 2012 em <http://www.allbusiness.com/media-telecommunications/movies-sound-recording/13229378-1.html>, 2009.

SOUZA FILHO, W. J. (Org.). **Memórias do telejornalismo na Bahia**: lembranças do passado para compreender o presente. Salvador: EDUFBA, 2015.

WOLF, M. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1987.